



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas

**Atena**
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas
Críticas e Teóricas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L649	Letras, linguística e artes: perspectivas críticas e teóricas [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-377-4 DOI 10.22533/at.ed.774190506 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Pensar nas discussões referentes ao ensino linguagem na escola significa criar as possibilidades de reflexão aos sujeitos em uma proposta interacional com as mudanças que ocorrem constantemente na sociedade.

A identidade deste livro caracteriza os trabalhos organizados como necessários ao processo de formação dos indivíduos. Sendo assim, nesta coletânea são apresentados quarenta estudos aos interlocutores atentos com as mudanças literárias, artísticas e sociais.

No primeiro capítulo, os autores compreendem as estratégias de incentivo à leitura de professores de Língua Portuguesa, de vários níveis da educação básica e com diferentes períodos de atuação. O segundo capítulo, por sua vez, discute e analisa o poema *Profundamente*, de Manuel Bandeira e o cotidiano que adquire significação simbólica no poeta. No terceiro capítulo, os autores identificam e estudam as danças e folguedos tradicionais brasileiros a partir da temática gênero.

A autora do quarto capítulo analisa a aprendizagem da escrita em português do sujeito surdo e as implicações na trajetória social. No quinto capítulo, o gênero textual Capa de CD é analisado pelos autores e no sexto capítulo o autor define discursivamente o conceito de gramática histórica, partindo da concepção clássica estabelecida por Ismael Coutinho com as abordagens de outros linguistas.

No sétimo trabalho, os autores discutem e refletem sobre as questões ortográficas no ensino do texto, perpassando por todas as etapas da feitura textual, além disso, analisam algumas produções. No oitavo capítulo, as autoras abordam a importância do professor na alfabetização das crianças de três a nove anos, sendo observada a necessidade do uso da fonética e fonologia no aprendizado do aprendiz. O autor do nono capítulo analisa a interação multilateral no ensino presencial mediado pela tecnologia do gênero discursivo digital videoconferência em aulas de linguagens para o ensino médio.

No décimo capítulo, os autores analisam a linguagem dos alunos em atividades de escrita colaborativa em um blog educacional para o ensino-aprendizagem de língua portuguesa. No décimo primeiro capítulo, as autoras intencionam trazer pontos relevantes da história da educação e da escola como construção social, bem como pretendem lançar alguns olhares sobre a adolescência, etapa delicada na formação do sujeito. No décimo segundo capítulo, as autoras apresentam resultados parciais de uma pesquisa cuja finalidade parte da avaliação de uma unidade didática à luz dos gêneros textuais.

No décimo terceiro capítulo, a autora estabelece um diálogo entre a Análise do Discurso de linha francesa e o ensino de leitura de textos em língua materna. As autoras do décimo quarto capítulo analisam o vínculo intersemiótico de texto multimodal, em uma seção de leitura de um livro didático de Língua Portuguesa, dos anos finais do ensino fundamental. No décimo quinto capítulo, as autoras analisam as repercussões

que as avaliações externas apresentam na rotina da equipe pedagógica.

As autoras do décimo sexto capítulo compreendem o estabelecimento de um diálogo entre as mídias digitais e a formação do leitor. No décimo sétimo capítulo as autoras descrevem e analisam uma unidade didática do livro didático de Língua Estrangeira do Estado do Paraná para o ensino médio. No décimo oitavo capítulo o autor analisa as interações culturais entre cristãos e pagãos a partir do romance histórico *O Último Reino*, de Bernard Cornwell.

No décimo nono capítulo as autoras abordam o significado de nudez a partir de uma visualidade literária. No vigésimo capítulo, os dicionários monolíngues de aprendizes são o foco de análise e investigação. No vigésimo primeiro capítulo, os autores investigam a existência das figuras que desempenham tais papéis na obra *Cem anos de solidão*, de Gabriel Garcia Márquez.

No vigésimo segundo capítulo, os autores transitam entre definir e indefinir o conceito de espaço, ao mesmo tempo, que diferenciam de ambiente. No vigésimo terceiro capítulo são identificadas e analisadas algumas semelhanças e diferenças entre a obra literária *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. No vigésimo quarto capítulo a autora problematiza as danças de fanfarras, a partir de uma leitura crítico-reflexiva.

No vigésimo quinto capítulo é feita uma breve leitura analítica e interpretativa da narrativa do romance *Leite derramado*, de Chico Buarque. No vigésimo sexto capítulo uma análise de representações visuais é apresentada ao leitor. No vigésimo sétimo capítulo, os autores analisam, nos escritos montellianos, como se manifestam as identidades católica e protestante.

No vigésimo oitavo capítulo é apresentado um estudo sobre as estratégias de polidez linguística no discurso político de candidatos a prefeitos do município de Mocajuba. No vigésimo nono capítulo as autoras comungam de concepções discursivas advindas da Análise do Discurso e dos estudos culturalistas. No trigésimo capítulo, os autores problematizam o uso da internet a partir das habilidades de leitura e escrita.

No trigésimo primeiro capítulo, os autores relatam um projeto de extensão, com a função valorizar a cultura gaúcha, disseminado e promovendo-a entre a comunidade acadêmica. No trigésimo segundo capítulo, as autoras refletem sobre uma proposta de material didático pautada na observação dos usos da língua. No trigésimo terceiro capítulo, as autoras verificam a força das questões culturais, dos mitos, dos coloridos da mata em uma proposta interdisciplinar a partir de uma letra de canção.

No trigésimo quarto capítulo, a autora discute a temática letramento na concepção da aprendizagem semiótica. No trigésimo quinto capítulo a autora apresenta uma estratégia de aprendizagem de comprovado êxito em uma instituição escolar, localizada no município de Três Lagos – MS. No trigésimo sexto capítulo investigam-se as relações existentes entre a psicanálise e literatura, como o inconsciente desvela-se no discurso literário, tendo como *corpus* algumas obras literárias de Clarice Lispector.

No trigésimo sétimo capítulo, os autores discutem a formação da identidade

literária juvenil a partir de uma constituição poética. No trigésimo oitavo capítulo, a autora investiga através de trabalhos publicados como a ANPOLL promove um diálogo multicultural entre Brasil, Rússia, China, Índia e África do Sul. No trigésimo nono capítulo averigua-se o percurso da figuração do estrangeiro em dois romances e, por fim, no quadragésimo capítulo, os autores contribuem reflexivamente com o ensino de gêneros textuais na modalidade escrita nas aulas de língua estrangeira e, por fim, no quadragésimo primeiro capítulo os autores associam o uso da plataforma Facebook em um processo dialógico destino aos alunos no contexto contemporâneo escolar.

Todos os autores ampliam as reflexões presentes nesta obra e revelam as razões de demonstrarem os conhecimentos aos interlocutores desta coletânea. Assim, esperamos que os leitores encontrem nos variados trabalhos os questionamentos capazes de problematizar outros e novos conhecimentos.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“ELES NÃO GOSTAM DE LER”: ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE INCENTIVO À LEITURA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Isabela Giacomini Laila Wilk Santos Lucas Arruda Tacla Theodora Rosskamp Kalbusch Rosana Mara Koerner	
DOI 10.22533/at.ed.7741905061	
CAPÍTULO 2	17
‘PROFUNDAMENTE’ EM MANUEL BANDEIRA: UM OLHAR INTERPRETATIVO	
Vitor Hugo da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7741905062	
CAPÍTULO 3	28
“BRINCANDO DE SER MULHER”: UM ESTUDO SOBRE TRAVESTILIDADES NAS DANÇAS E FOLGUEDOS TRADICIONAIS BRASILEIROS	
José Roberto do Nascimento Junior Ana Cecília Vieira Soares	
DOI 10.22533/at.ed.7741905063	
CAPÍTULO 4	36
A APRENDIZAGEM DA ESCRITA E SUAS IMPLICAÇÕES NA VIDA DO SUJEITO SURDO	
Miriam Maia de Araújo Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.7741905064	
CAPÍTULO 5	47
A FOTOGRAFIA COMO COMUNICAÇÃO, EXPRESSÃO E ARTE: UMA ANÁLISE DA CAPA DO CD CORAÇÃO DE JOHNNY HOOKER	
Renan da Silva Dalago Altamir Botoso	
DOI 10.22533/at.ed.7741905065	
CAPÍTULO 6	57
A GRAMÁTICA HISTÓRICA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Adílio Junior de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.7741905066	
CAPÍTULO 7	70
ORTOGRAFIA NO ENSINO DO TEXTO	
Ivan Vale de Sousa Maria Elizete Melo de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7741905067	

CAPÍTULO 8	82
A IMPORTÂNCIA DA ARTICULAÇÃO DO PROFESSOR NA ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS DE 3 A 9 ANOS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Letícia Saminez da Silva Jaina Milhomem Rezende Michelle Fonseca Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.7741905068	
CAPÍTULO 9	93
A INTERAÇÃO MULTILATERAL NO ENSINO DE LINGUAGENS MEDIADO PELA TECNOLOGIA DO GÊNERO DISCURSIVO DIGITAL VIDEOCONFERÊNCIA	
Naziozênio Antonio Lacerda	
DOI 10.22533/at.ed.7741905069	
CAPÍTULO 10	108
A LINGUAGEM DOS ALUNOS NA ESCRITA COLABORATIVA EM <i>BLOG</i> EDUCACIONAL PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Jaqueline Silva Santos Naziozênio Antonio Lacerda	
DOI 10.22533/at.ed.77419050610	
CAPÍTULO 11	124
ADOLESCÊNCIA E ESCOLA: ALGUNS OLHARES	
Maria Rute Depoi da Silva Marcele Pereira da Rosa Zucolotto	
DOI 10.22533/at.ed.77419050611	
CAPÍTULO 12	132
ALFABETIZAÇÃO E CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: UMA ABORDAGEM PELOS GÊNEROS TEXTUAIS	
Luci Piletti Niedermayer Carmen Teresinha Baumgartner	
DOI 10.22533/at.ed.77419050612	
CAPÍTULO 13	144
ANÁLISE DO DISCURSO E FORMAÇÃO DO LEITOR	
Eliana Alves Greco	
DOI 10.22533/at.ed.77419050613	
CAPÍTULO 14	151
APLICAÇÃO DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL NA ANÁLISE DE UM TEXTO MULTIMODAL	
Jeniffer Streb da Silva Noara Bolzan Martins	
DOI 10.22533/at.ed.77419050614	
CAPÍTULO 15	159
AS AVALIAÇÕES EXTERNAS E SUAS REPERCUSSÕES NA ROTINA DA EQUIPE PEDAGÓGICA	
Letícia Mendonça Lopes Ribeiro Priscila Adriana Silva Sacramento Janaína Arostilde Belmiro	
DOI 10.22533/at.ed.77419050615	

CAPÍTULO 16	172
AS CRIANÇAS DA ERA DAS MÍDIAS DIGITAIS E SUAS RELAÇÕES COM A LEITURA LITERÁRIA	
Francisca Rodrigues Lopes Elizangela Silva de Sousa Moura Liliane Rodrigues de Almeida Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.77419050616	
CAPÍTULO 17	182
AS FÁBULAS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES	
Eliana Santiago Gonçalves Edmundo Ana Paula de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.77419050617	
CAPÍTULO 18	199
AS RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE VIKINGS E SAXÕES DO OESTE NA OBRA O ÚLTIMO REINO DE BERNARD CORNWELL	
Lucas Luiz Oliveira Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.77419050618	
CAPÍTULO 19	208
ATRAVÉS DE LINHAS E MANCHAS PULSAM AS SENSAÇÕES: A PINTURA DE LUCIAN FREUD E O DESNUDAMENTO DO SER	
Rochele Maria Borelli Bernadette Maria Panek	
DOI 10.22533/at.ed.77419050619	
CAPÍTULO 20	220
CAPACIDADES E LIMITAÇÕES DOS DICIONÁRIOS DE APRENDIZES DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Laura Campos de Borba	
DOI 10.22533/at.ed.77419050620	
CAPÍTULO 21	236
“CEM ANOS DE SOLIDÃO”, DE GABRIEL GARCIA MÁRQUEZ : A TEORIA DAS PERSONAGENS	
Matheus Luamm Santos Formiga Bispo Milena Menezes Santos	
DOI 10.22533/at.ed.77419050621	
CAPÍTULO 22	245
DA CONSTRUÇÃO À RECONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: O ESPAÇO CONFIDENCIAL EM <i>CABIDELIM</i> , <i>O DOCE MONSTRINHO</i> , DE SYLVIA ORTHOF	
Luciana Petroni Antigueira Chirzóstomo Wagner Corsino Enedino	
DOI 10.22533/at.ed.77419050622	
CAPÍTULO 23	255
DA LITERATURA PARA O CINEMA: A ADAPTAÇÃO DA OBRA A HORA DA ESTRELA	
Ray da Silva Santos Débora Wagner Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.77419050623	

CAPÍTULO 24	270
DANÇAS DE FANFARRAS: UMA LEITURA CRÍTICA	
Erika Kraychete Alves	
DOI 10.22533/at.ed.77419050624	
CAPÍTULO 25	274
DECADÊNCIA E MEMÓRIA EM LEITE DERRAMADO, CHICO BUARQUE	
Dulce Maurilia Ribeiro Borges	
DOI 10.22533/at.ed.77419050625	
CAPÍTULO 26	287
DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES MULTIMODAIS DO MOVIMENTO “PANELAÇO” NO CONTEXTO POLÍTICO DO BRASIL	
Juliana Ferreira Vassolér	
Eni Abadia Batista	
DOI 10.22533/at.ed.77419050626	
CAPÍTULO 27	304
ENTRE A FÉ E OS CONFLITOS: AS FACES DA IDENTIDADE CRISTÃ EM OS DEGRAUS DO PARAÍSO, DE JOSUÉ MONTELLO	
Thiago Victor Araújo dos Santos Nogueira	
Paloma Veras Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.77419050627	
CAPÍTULO 28	317
ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ LINGUÍSTICA NO DISCURSO POLÍTICO DE CANDIDATOS A PREFEITOS DO MUNICÍPIO DE MOCAJUBA-PA	
Elber José Alves Corrêa	
Benedita Maria do Socorro Campos de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.77419050628	
CAPÍTULO 29	328
ÍNDIO SURDO E EDUCAÇÃO BÁSICA EM SUAS (DES)IDENTIFICAÇÕES: UM ESTUDO DE CASO	
Michelle Sousa Mussato	
Claudete Cameschi de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.77419050629	
CAPÍTULO 30	343
INTERNET, LEITURA E ESCRITA:UM DESAFIO MEDIADO PELO PROFESSOR DE LÍNGUA ADICIONAL	
Daiane Ventorini Pohlmann Michelotti	
Virginia Ponche Barbosa	
Alessandro Carvalho Bica	
DOI 10.22533/at.ed.77419050630	

CAPÍTULO 31	352
INVERNADA ARTÍSTICA CHÃO BATIDO – CULTIVANDO A TRADIÇÃO GAÚCHA: UM PROJETO DE EXTENSÃO REALIZADO EM 2016	
<p>Ana Paula Palharini Daniel Verbes Padilha Deise Pieniz Casagrande Maico Mantovani Tolfo Mylla Keenan Acosta Maiara Bertl</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050631	
CAPÍTULO 32	356
LEITURA E PRODUÇÃO DE SENTIDO NA INTERFACE DOS GÊNEROS DIGITAIS E DA MULTIMODALIDADE	
<p>Nágida Maria da Silva Paiva Iara Ferreira de Melo Martins Ana Cláudia Soares Pinto</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050632	
CAPÍTULO 33	369
LETRA DA CANÇÃO: “SAGA DA AMAZÔNIA”: UM OLHAR INTERDISCIPLINAR	
<p>Márcia Antonia Guedes Molina Valéria Angélica Ribeiro Arauz</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050633	
CAPÍTULO 34	382
LETRAMENTOS E APRENDIZAGEM SEMIÓTICA: POSSIBILIDADES PARA A FORMAÇÃO DE CIDADÃOS NA ESCOLA	
<p>Áurea Maria Brandão Santos</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050634	
CAPÍTULO 35	392
LITERATURA E OUTRAS ARTES: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES	
<p>Vitória Regina Xavier da Silva</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050635	
CAPÍTULO 36	406
LITERATURA E PSICANÁLISE: A PRESENÇA DO INCONSCIENTE NA ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR	
<p>Ray da Silva Santos Sara Goretti Ferreira Daiane Menezes Santos</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050636	
CAPÍTULO 37	419
LITERATURA JUVENIL E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE EM “ <i>CECÍLIA QUE AMAVA FERNANDO</i> ”: CONHECENDO A SI ATRAVÉS DO OUTRO	
<p>Eliene da Silva Dias Diógenes Buenos Aires Sandra Helena Andrade de Oliveira</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050637	

CAPÍTULO 38	431
MAPA DE INSTITUIÇÕES LINGUÍSTICO-LITERÁRIAS NA REVISTA DA ANPOLL	
Mariana Argolo Barreto	
DOI 10.22533/at.ed.77419050638	
CAPÍTULO 39	443
MAPAS DO ENCONTRO ENTRE O PRÓPRIO E O ALHEIO – CARTOGRAFIAS DA ALTERIDADE NA NARRATIVA DE ADRIANA LISBOA E ANA MIRANDA	
Aina de Oliveira Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.77419050639	
CAPÍTULO 40	456
MATERIAIS DE PRODUÇÃO ESCRITA NO ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA – ELE A ALUNOS DO ENSINO MÉDIO	
Carlos Eduardo da Silva	
Cristina Corral Esteve	
DOI 10.22533/at.ed.77419050640	
CAPÍTULO 41	468
AS FACETAS DA CONTEMPORANEIDADE. O DIALOGISMO DIGITAL PARA OS ALUNOS: O FACEBOOK E A POESIA VIRAL	
Regimário Costa Moura	
Ana Cristina dos Santos	
Raquel Araújo Luna	
Rideusa Caroline Correia do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.77419050641	
SOBRE O ORGANIZADOR	476

A GRAMÁTICA HISTÓRICA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Adílio Junior de Souza

Universidade Federal da Paraíba (UFPB),
PROLING

João Pessoa - Paraíba

RESUMO: Neste estudo, pretendemos definir o conceito de gramática histórica, partindo da concepção clássica estabelecida por Ismael Coutinho (1962; 2011) às visões apontadas por Bagno (2007) e Martelotta (2013). Objetivamos relacionar o uso da gramática histórica como uma importante ferramenta para o ensino de língua portuguesa, com ênfase nas questões históricas que envolvem a formação dessa língua românica. Para a constituição da base teórica, selecionamos, entre outros, estudos que versam sobre a história da língua portuguesa: Teyssier (2007), Câmara Jr. (2011), Travaglia (2009), Assis et al. (2011), Assis (2014), além dos trabalhos já citados. Adotamos os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica realizada por meio de literatura especializada; extração de excertos dessas obras, com a finalidade de apresentar a utilidade da gramática histórica; discutir criticamente o pouco uso desse tipo de instrumento linguístico e como isso pode afetar o conhecimento do português brasileiro. Os resultados indicam que o conhecimento sobre temas como variação e mudança linguística, fonética histórica,

morfologia histórica, metaplasmos, vocalismo, consonantismo, analogia, formação do léxico, por exemplo, são tópicos de grande proficiência para o estudioso do idioma neolatino.

PALAVRAS-CHAVE: Instrumento Linguístico. Gramática Histórica. História do Português.

ABSTRACT: In this study, we propose to define the concept of the historical grammar, beginning from the classic conception established by Ismael Coutinho (1962; 2011) to views aimed by Bagno (2007) and Martelotta (2013). Objecting to relate the use of the historical grammar as an important tool to teaching of Portuguese language, with emphasis in the historical matters that involve the formation of this Romanic language. To the constitution of the theoretical basis, we selected some authors that sort about the history out of the Portuguese language: Teyssier (2007), Câmara Jr. (2011), Travaglia (2009), Assis et al. (2011), Assis (2014), well over the researches mentioned. We adopt the next procedures: bibliographic research realized though the specialized literature; extraction of these works, with the finality of presents the utility of the historical grammar; discuss critically the not much use of this type of linguistic instrument and how it may to affect the knowledge of the Brazilian Portuguese. The results indicate that the knowledge about subjects as linguistic variation and language change, historical

phonetic, historical morphology, metaplasms, vocalism, consonatism, analogy, lexical word-formation, for example, are topics productivity to the studios of the neolatine language.

KEYWORDS: Linguistic Instrument. Historical Grammar. History of the Portuguese.

1 | INTRODUÇÃO

Com a intenção de discutirmos a aplicabilidade da *gramática histórica* nas aulas de *Filologia Românica e Portuguesa*, na disciplina ofertada pelo Curso de Letras da Universidade Regional do Cariri (URCA), *campus* de Campos Sales/CE, iremos, nesse capítulo, definir o que é uma gramática histórica. Apresentaremos suas contribuições para o conhecimento de aspectos históricos e linguísticos da língua portuguesa, o que pode ajudar na formação acadêmica dos futuros professores desse idioma.

Na esteira de nossa investigação, importantes instrumentos linguísticos foram consultados, com o intuito de nos permitir observar o estado da arte. Por se tratar de um estudo de revisão de literatura, alguns autores mereceram destaque, entre os quais, destacamos: Coutinho (1962; 2011), Bagno (2007), Martelotta (2013), Teyssier (2007), Câmara Jr. (2011) e Assis (2014).

O trabalho está dividido em três partes: na primeira serão apresentados conceitos de gramática histórica, fundamentado em obras especializadas. Também serão mostrados alguns temas bastante discutidos em gramáticas desse tipo. Na segunda e terceira partes, como forma de discussão, apontaremos alguns fatos históricos, bem como fenômenos linguísticos extraídos desses instrumentos linguísticos. Por fim, faremos as últimas considerações sobre o ensino de língua portuguesa.

2 | GRAMÁTICA HISTÓRICA: UMA REVISÃO TEÓRICA

Apartir de uma revisão bibliográfica sobre a constituição do que seja uma *gramática histórica*, encontramos alguns instrumentos linguísticos em língua portuguesa, dos quais iremos extrair o conceito basilar.

Em um desses instrumentos, cujo título é *Grammatica secundária da Língua Portuguesa*, escrita por M. Said Ali (s/d, p. 05), encontramos a seguinte definição: “**Grammatica histórica** é aquella que estuda a evolução dos diversos factos da língua desde a sua origem até a época presente” (grifo do autor). Desse excerto podemos tirar a informação de que esse tipo de gramática se ocupa dos fenômenos linguísticos tais como *variação* e *mudança linguística*, observando os diferentes estados da língua ao longo dos tempos, isto é, em uma perspectiva diacrônica.

De modo semelhante, Eduardo Carlos Pereira (1935), em sua *Gramática Histórica*, nos informa que a:

Gramática histórica é a que estuda a origem e evolução de uma língua no tempo e no espaço. O seu methodo é sempre historico-comparativo, versando a comparação

das formas grammaticas, não só com as transformações paralelas das línguas affins, mas ainda com as transformações sucessivas da mesma língua (PEREIRA, 1935, p. 14).

Nesse fragmento, outra informação relevante nos é dada: o método empregado pela gramática histórica é o mesmo da *Linguística Histórica e Comparativa*, ou seja, utiliza-se o método histórico-comparativo, que consiste no exame minucioso entre línguas, aparentemente diferentes, mas que contém elementos linguísticos cujas características essenciais se mantiveram similares.

Em uma terceira fonte, a *Grammatica expositiva: curso superior*, também escrita por Pereira (1907), encontramos um complemento à definição anterior:

Grammatica histórica é o estudo das transformações de uma língua, no tempo e no espaço, feito comparativamente com as transformações paralelas das línguas e dialectos congeneres. E' um estudo histórico-comparativo (PEREIRA, 1907, p. 04, grifos do autor).

Temos, portanto, a compreensão de que uma gramática histórica teria então a função de avaliar, em uma perspectiva histórica, toda a evolução de uma dada língua. Isso nos permitiria observar, por exemplo, o registro ou ocorrência de um fenômeno particular em um idioma em um dado período e compará-lo com outras ocorrências em outros períodos.

Nesse sentido, “**Grammatica histórica** da língua portugueza é o estudo da origem e evolução do portuguez no tempo e no espaço”. (PEREIRA, 1935, p. 17, grifos do autor). Assim, os fatos internos (linguísticos) e externos (políticos, geográficos, culturais, sociais etc.) são exaustivamente investigados.

Além desses conceitos apresentados, um acréscimo importante nos é dado na *Grammatica portugueza: 3º anno*, escrita por João Ribeiro (1889, p. 01-02): “**Grammatica histórica** é a que estuda os factos de uma língua, em seus diversos períodos, desde a origem e formação até a época presente” (grifos do autor).

Chegamos, assim, a concepção de gramática histórica tendo como exemplo maior em língua portuguesa a obra *Pontos de gramática histórica* de Ismael Lima Coutinho (1962). Salvo algumas questões estruturais e de revisão textual, a versão de 2011 é semelhante a essa versão. O título foi alterado para *Gramática Histórica*. A primeira edição dessa obra é de 1938. Nesse instrumento linguístico, temos os seguintes capítulos:

1. Latim Vulgar e Latim Clássico.
2. Línguas Românicas.
3. História da Língua Portuguesa.
4. Domínio da Língua Portuguesa.
5. O Português Arcaico.
6. A Ortografia Portuguesa.
7. Palavras e vocábulo. Sílabas. Acento tônico.
8. Fonética Descritiva.

9. Fonética Histórica.
10. Leis Fonéticas.
11. Metaplasmos.
12. A Analogia.
13. Constituição do Léxico Português.
14. Morfologia.
15. O Português do Brasil.

Temos nessa lista os principais temas que devem ser conhecidos pelo estudioso da história do português. Conforme os pressupostos elementares da Linguística Histórica, as perspectivas internas (ou linguísticas) e externas (ou sociais) devem ser abordadas. Coutinho nos esclarece que o estudo histórico da língua portuguesa deve partir desde os primórdios do idioma latino até a constituição do português moderno.

Cientes da impossibilidade de tratarmos de todos esses assuntos em um capítulo com limites de extensão, selecionamos alguns tópicos fundamentais para definirmos: *fonética histórica, morfologia histórica, metaplasmos, vocalismo, consonantismo, analogia e formação do léxico*. Antes disso, descaremos a gramática histórico-comparativa, mostrando como a gramática histórica se inscreve no interior dessa gramática.

2.1 Gramática histórico-comparativa

Na Alemanha, no século XIX, surge uma nova tendência nos estudos das línguas, o que se convencionou chamar de **gramática histórico-comparativa** (MARTELOTTA, 2013). Nesse tipo de gramática, que une tanto a gramática histórica, como também a gramática comparada, em uma reflexão híbrida. Estudos histórico-comparados têm como maiores representantes os filólogos Franz Bopp e Jakob Grimm.

A gramática histórico-comparativa se caracteriza “como uma proposta de comparar elementos gramaticais de línguas de origem comum a fim de detectar a estrutura da língua original da qual ela se desenvolveu” (MARTELOTTA, 2013, p. 47).

Esta é, como se pode ver, uma abordagem diacrônica da língua, com finalidades estritamente linguísticas, *a priori*. Mas, com o aprimoramento do método histórico e comparado, a preocupação também se voltou para as questões extralinguísticas, com ênfase na investigação das diferentes sociedades, costumes, cultura e, especialmente, os diferentes usos da linguagem.

De acordo com Martelotta (2013, p. 47-48) eis a razão para o surgimento desse instrumento linguístico: “Essa nova abordagem dos fenômenos da linguagem surgiu a partir da constatação da grande semelhança do sânscrito, língua da Índia, com o latim, com o grego e com uma grande quantidade de línguas europeias”.

Podemos, então, compreender melhor como as línguas são descritas nas

gramáticas históricas: os elementos internos e externos são apresentados em detalhes, com vistas a permitir um ajuizamento completo sobre as regularidades linguísticas, leis fonéticas, variação e mudança linguística.

2.2 Tópicos fundamentais de uma gramática histórica

Nessa subseção iremos, de modo resumido, apontar alguns dos principais assuntos abordados nas gramáticas históricas, definindo-os conforme literatura especializada. Como exemplificação, utilizaremos algumas obras significativas em língua portuguesa, entre as quais destacamos *Pontos de gramática histórica* de Coutinho (1962) e a *Gramática Histórica: do latim ao português brasileiro* de Bagno (2007).

2.2.1 Fonética histórica

Dito de modo objetivo, a Fonética histórica é uma matéria linguística que identifica, classifica e analisa os “elementos mínimos da linguagem articulada”, entre os quais vale destacar os segmentos sonoros da fala, isto é, os fones. Nessa disciplina, os aspectos diacrônicos dos sons vocálicos e consonantais desde o latim clássico/latim vulgar até o português moderno (BAGNO, 2007, p. 05).

2.2.2 Morfologia histórica

Na disciplina *Morfologia histórica* são investigados os processos de formação de palavras, bem como o estudo de prefixos e sufixos (afixos) latinos, com ênfase no estudo dos casos do latim clássico, a perda das desinências de caso no latim vulgar e o completo desaparecimento do sistema de declinação no português (BAGNO, 2007).

2.2.3 Metaplasmos

Os *metaplasmos* formam um conjunto de processos de formação bastante produtivo na evolução do sistema linguístico latino. Para Bagno (2007, p. 08): “Um **metaplasmo** é uma mudança na estrutura de uma palavra, ocasionada por acréscimo, remoção ou deslocamento dos sons de que ela é composta”. Assim, na passagem do latim ao português, vários desses metaplasmos podem ser percebidos. Enfim, chamaremos metaplasmos às *alterações fonéticas*, “que ocasionalmente sofram os fonemas em certas palavras ou combinações de palavras” (PEREIRA, 1935, p. 21).

Essas modificações podem ser de variados tipos: **por acréscimo**, **por supressão**, **por transposição** ou **por transformação** (BAGNO, 2007). Em outras palavras,

As alterações fonéticas podem consistir em acrescentamento ou supressão de fonemas, em troca de lugar, em permuta de sons, em nasalização ou desnasalização, em sonorização de fonemas surdos, em ditongação, palatização,

Todos esses metaplasmos ocorriam e ainda ocorrem tanto na língua portuguesa como em qualquer outra língua, tendo em vista que todas as línguas mudam com o passar do tempo. Nenhum idioma escapa às variações e mudanças linguísticas.

2.2.4 *Vocalismo e Consonantismo*

O estudo das vogais e consoantes latinas tem sido um dos mais frutíferos nas gramáticas históricas. É um estudo basicamente diacrônico e leva em conta a evolução fonética (metaplasmos) desde o latim clássico e seu sistema com cinco vogais longas e breves e quantidade silábica definida até o sistema com sete vogais do português brasileiro (BAGNO, 2007, p. 15-27).

2.2.5 *Analogia*

O fenômeno linguístico conhecido por Analogia, apesar dos muitos estudos que já existem, ainda é algo complexo. Em uma tentativa de elucidação, nos apoiamos nas palavras de Bagno (2007) que diz que esse é um processo cognitivo muito produtivo em qualquer língua, haja vista que reflete associações analógicas perfeitamente aplicáveis às línguas românicas (português, espanhol, italiano, francês, etc.). Esse linguista ainda menciona que a analogia pode ser de três naturezas: **fonética**, **morfológica** ou **sintática**.

2.2.6 *Formação do léxico*

O estudo da formação do léxico da língua portuguesa engloba o exame dos vocabulários e sua origem (BAGNO, 2007). Investigam-se também os variados tipos de empréstimos linguísticos, estrangeirismos, latinismos, anglicanismos, galicismos e qualquer outro tipo de incorporação léxica, inclusive os casos de neologismos.

Temas como adstratos, substratos e superstratos são recorrentes quando se fala em léxico de uma determinada língua (BAGNO, 2007, p. 44-56).

3 | FATOS HISTÓRICOS SOBRE AS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Quando relembramos, hoje, que o latim foi empregado por um determinado povo há mais de dois mil anos, jamais poderíamos imaginar que essa mesma língua poderia se subdividir em dialetos. Por mais que saibamos que as línguas variam, no tempo e no espaço, seria pretensioso demais cogitar na possibilidade de um idioma se modificar tão profundamente ao ponto de se tornar não apenas um idioma, mas dez. Daí dizermos que “Do latim procedem os diversos idiomas chamados românicos, romances ou neolatinos” (SAID ALI, 1921, p. 01).

Ao refletirmos sobre a história da formação das línguas derivadas do latim, devemos, antes disso, nos voltar para a ocupação da região onde atualmente elas se formaram. Em um manual didático sobre a *Língua Latina*, Aírto Montagner (2008) nos informa que o domínio do latim, como já se esperaria, era o falado e não o erudito.

Mais adiante ampliaremos essa discussão, mas por hora, vale ressaltar que era o *latim vulgar* a variante de uso e não a variante padrão escrita. As variações linguísticas ocorrem com mais frequência na oralidade, por isso, o latim vulgar sofreu pela força das ações das pressões de uso (VASCONCELOS, 1911).

As diferenças entre a linguagem oral e escrita não eram, no início, facilmente identificáveis. Todavia, com o passar do tempo, à medida que a escrita (cultura) se estabelecia em Roma, mais distante se tornava da linguagem do povo. Enquanto a escrita, dado seu caráter conservador, ia cada vez mais se fixando, o uso do idioma variava e mudava juntamente com o povo.

A passagem do latim às línguas românicas não se deu rapidamente. Esse foi um processo longo, complexo e gradual. As mudanças que ocorrem no interior de um sistema linguístico não são abruptas (FARACO, 2006).

Ao discutir sobre a *Origem e evolução da Língua Portuguesa*, na obra *Lições de Philologia Portuguesa*, José Leite de Vasconcelos (1911, p. 11-12) diz que, além do português:

Outras línguas se desenvolveram do latim vulgar no *orbis Romanus*. O conjunto de todas forma a *família românica* ou *neolatina*. Os principais membros da família românica são: *português, espanhol, francês, provençal, italiano* e *romeno*, — todos eles providos de abundante literatura. Mas além destes podem contar-se outros, que, se não apresentam tão rico pecúlio literário como os antecedentes, apresentam, contudo, caracteres glotológicos que lhes dão individualidade: *o ladino*, falado em parte da Áustria, da Suíça, e do Norte da Itália; *o sardo*, falado na Sardenha. Há também quem conte como tal um grupo glótico (sueste da França; Val Soana e Vale d'Aosta; e Suíça Ocidental) que participa do francês e do provençal, e por isso se chama *franco-provençal*. Igualmente podemos considerar idioma românico distinto o *dálmata* ou *dalmático*, falado outrora nas costas da Dalmácia, e hoje extinto (grifos do autor).

Entre as línguas mencionadas por Vasconcelos cabe dizer que, seis delas tiveram forte tradição na escrita, o que favoreceu para que ocupassem lugar de destaque na família de línguas. A “abundante literatura” apontada pelo estudioso ainda é, atualmente, uma das maiores riquezas desses idiomas.

A Península Ibérica foi por séculos um aglomerado de falares pré-românicos, românicos e pós-românicos. Essa mistura de falares possibilitou a supremacia de alguns dialetos em detrimento de outros. De um lado, o espanhol da Hispânia, por exemplo, se tornou uma língua fortemente estabelecida. Do outro, o dálmata na Dalmácia, por exemplo, não resistiu às invasões de povos belicosos.

Para Montagner (2008, p. 22), a distribuição das línguas latinas segue essa organização: (I) *Línguas nacionais*: Galego; Português; Espanhol; Francês; Italiano; Romeno e Reto-romeno (II) *Línguas não-nacionais*: Catalão; Provençal; Sardo e

Dálmata (extinto). Nessa classificação, Montagner acrescenta o *galego* e *reto-romeno* como línguas nacionais, enquanto que exclui o *catalão*, classificando-o como dialeto não reconhecido como idioma nacional.

O estudo dessas línguas tem sido realizado por muitos pesquisadores interessados em fazer comparações entre elas, apontando as características, estruturas, questões gramaticais, empréstimos linguísticos, processos de formação de palavras, etimologia, aspectos históricos, políticos, entre muitos outros pontos.

Em um estudo desse tipo, sobre *As línguas Românicas*, Ernesto Ferreira de Oliveira (2001) afirma que o latim adquiriu o *status* de língua, suplantando os dialetos vizinhos (*Oscó* e *Umbro*, por exemplo). E, aos poucos, também adquiriu suas características, modificando-se cada vez mais. Não havia no latim qualquer tipo de homogeneidade e sua conseqüente dialeção e fragmentação em dialetos menores é uma prova irrefutável dessa variabilidade estrutural.

Uma das maiores autoridades da filologia brasileira, Coutinho (1962), nos dá uma clara exposição das línguas neolatinas em sua obra *Pontos de Gramática Histórica*:

LÍNGUAS ROMÂNICAS são as que conservam vestígios indeléveis de sua filiação ao latim no vocabulário, na morfologia e na sintaxe.

Não basta só o vocabulário ou a sintaxe para caracterizar a filiação de uma língua. De outro modo, o *romeno* não seria idioma românico, porque, no seu vocabulário, predominam as palavras de fonte não latina.

O mesmo se pode dizer de outras línguas românicas. A sintaxe delas apresenta mais pontos de semelhança com o alto-alemão ou com o grego que propriamente com o latim (COUTINHO, 1962, p. 46, grifos do autor).

Essa é uma das características dos idiomas românicos: nem todos apresentam as mesmas estruturas, isto é, alguns contêm vocabulário latino, outros não; alguns mostram uma sintaxe latina, outras nem tanto. O que as unem é um conjunto de similaridades, seja da forma, função ou origem. Em outro trecho, ressalta o filólogo: “Há dez línguas românicas: o *português*, o *espanhol*, o *catalão*, o *francês*, o *provençal*, o *italiano*, o *reto-romano* [rético ou ladino], o *dalmático*, o *romeno* (ou valáquio) e o *sardo*” (COUTINHO, 1962, p. 46, grifos do autor).

Tratando sobre esse tema em *História resumida da Língua Portuguesa*, Said Ali (1921, p. 02) diz que: “Todas estas línguas e dialetos originaram-se do latim; não do latim literário, que em muitos pontos era linguagem artificial, e sim do latim vulgar, isto é, da linguagem viva, do latim falado”. Portanto, o caminho que estamos seguindo nos levará a aceitar uma hipótese: a de que a língua escrita culta não passa de um idioma artificial que em nada reflete o uso e é o latim vulgar, a verdadeira fonte inesgotável para estudos.

4 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTATO LINGUÍSTICO

Para dar sustentação às nossas palavras e formularmos os conceitos, buscaremos nos apoiar nos argumentos extraídos de um referencial teórico formado a partir de: Faraco (2006), Garcia e Castro (2010), Bagno (2007), Mattoso Câmara (2011), entre outras fontes.

Inicialmente, podemos dizer que uma dada língua nem sempre é constituída somente por elementos formados a partir de seu próprio material linguístico. Geralmente, a maioria das línguas apresenta, em sua estrutura interna, uma gama de itens lexicais oriundos de línguas com as quais manteve (ou ainda mantém) contato.

Ao tratar das principais características da mudança linguística, Faraco (2006) nos apresenta três diferentes situações em que o contato linguístico pode ocorrer: *substrato*, *superstrato* e *adstrato*.

Em relação ao primeiro termo, Faraco (2006) assinala que, *substrato* torna-se uma mera marca de língua. Tal idioma é completamente suplantado, restando somente, alguns resquícios. Isto pode ser atestado nos seguintes argumentos retirados do *Dicionário gramatical de latim: nível básico*:

É a língua que, falada numa determinada região, por vários motivos, foi substituída por outra (por exemplo, no caso das invasões). A substituída acaba por influenciar, de alguma maneira, a língua que a substituiu. Os romanos, na Gália, implantaram o seu idioma, mas o celta ainda deixou vestígios no latim, como, por exemplo, a palavra *carrus* (GARCIA; CASTRO, 2010, p. 141).

Observamos que tanto Faraco (2006) quanto Garcia e Castro (2010) apontam a língua celta como exemplo de *substrato*. Pouco se sabe sobre os celtas, mas é certo de que se trata de um antigo povo indo-germânico que viveu na região da Gália por volta do século III a. C. Do celta restaram elementos lexicais, isto é, somente algumas palavras podem ser percebidas no latim, tais como *bucca*, - *ae* (boca) e *caballus*, - *i* (cavalo).

As línguas que foram faladas em regiões onde hoje se falam variadas línguas, apresentam, em sua estrutura, algumas características peculiares. É o que percebemos na língua portuguesa falada no Brasil e em outros países de língua portuguesa. O idioma brasileiro contém inúmeros vocábulos de origem indígena e, apesar do Brasil ter tido mais de mil e quinhentas línguas e atualmente restarem somente cerca de cento e cinquenta, notamos traços que distinguem a produção sonora de certas palavras que se afastam das formas e construções do português europeu.

Hodiernamente, o português é falado em Goa, Diu e Damão, Índia, ilha de Timor, Indonésia, Macau (China), Ceilão (Sri Lanka), Malaca, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique (TEYSSIE, 2007). Nessas regiões a língua tomou aspectos que refletem de alguma maneira algumas das características herdadas dos idiomas que as precederam.

Os traços característicos do idioma do Brasil podem ser de variadas naturezas: fonético-fonológicos, morfológicos, semânticos e lexicais. São essas diferenças que

percebemos ao ouvirmos um falante do Brasil, de um lado, e um falante do português europeu, do outro.

A definição apresentada por Mattoso Câmara (2011, p. 283) em seu *Dicionário de Linguística e Gramática* é, evidentemente, mais completa do que as duas anteriores. Nessa definição, vemos que o linguista brasileiro aponta que será no léxico onde as mudanças serão mais perceptíveis. Ora, eis aí um ponto que nos interessa. As introduções de traços fonético-morfológicos de outros idiomas, especialmente as línguas pré-românicas, inseridas na língua latina, que permitiram o aparecimento das formas que em nada retomam a forma clássica da língua. O latim vulgar, bem como o latim medievo-bárbaro poderá, com bases nas palavras de Mattoso Câmara (2011), apresentar algumas características herdadas de outros idiomas.

Diferentemente do *substrato*, o *superstrato* tem maior resistência e pode coexistir ao lado de outro idioma por um longo tempo, recebendo influência da língua já falada naquela região (FARACO, 2006; GARCIA; CASTRO, 2010).

O bloco de línguas que compõem o tronco germânico é formado pelas línguas escandinavas, o alemão, o inglês, o holandês, entre outras. A maior parte desses idiomas germânicos perdura até o presente momento. Mas também é certo que as características de cada uma dessas línguas fazem com que tenhamos idiomas aparentemente (ou até mesmo completamente) distintos. Ao comparamos o alemão com o latim, na atualidade pouco ou quase nada veremos de comum entre as duas, mas o tronco que serviu de família era o mesmo. As diferenças entre as línguas evidenciam que as mudanças linguísticas que ocorreram internamente ao sistema foram significativas e distintas.

Entendemos que o superstrato (também grafado *superstrato*) era a língua de maior prestígio, no entanto esse prestígio não foi determinante para sua manutenção (CÂMARA JR., 2011). Esse abandono, de que fala o linguista brasileiro, reforça a hipótese de que uma língua só permanece como língua-padrão à medida que é empregada como língua de uso. Ao passo que um novo idioma passa a servir de veículo de comunicação entre as pessoas de uma determinada região, essa língua que antes gozava de prestígio cede lugar à nova língua. Todavia, algumas marcas ainda podem ser detectadas nesse idioma que será então dominante.

Com razão, Bagno (2007) afirma na *Gramática histórica: do latim ao português brasileiro* que a força dos superstratos (e dos substratos) favoreceu a fragmentação da România. A fragmentação linguística nada mais é do que a separação geográfica, social, cultural, política e linguística que se efetua entre os povos. A dialeção do latim, na região da România e de todo o restante do mundo conhecido naquele período, reforça também a hipótese de que antes havia uma supremacia de uma só língua. A língua latina, antes hegemônica e dominante, perde espaço para os idiomas que se formam a partir do contato linguístico entre o latim vulgar e os outros falares (BAGNO, 2007).

A principal diferença entre o substrato e superstrato é que o primeiro é totalmente

suplantado enquanto que o segundo pode resistir e permanecer sendo falado até hoje, como é o caso da língua alemã destacada nos dois fragmentos anteriores.

Finalmente, temos o terceiro e último termo: o *adstrato*. De acordo com Faraco (2006) o *adstrato* é diferente dos outros dois termos anteriores exatamente pelo fato de serem línguas que coexistem em um mesmo lugar, sendo que uma não afeta a outra. Exemplos disso, temos a situação vivida entre o grego e o latim durante um longo período na região da Grécia e Roma.

Outra situação peculiar ocorre entre o latim e o árabe na região da Península Ibérica durante o período da Invasão Mulçumana no século VIII d. C. Para Bagno (2007), em posição diferente do conceito apontado por Faraco (2006), diz que o árabe é um *superstrato* e não um *adstrato*.

Temos, então, dois caminhos a seguir: no primeiro, aceitaremos a definição de Faraco (2006), definindo o árabe como *adstrato*; no outro, diremos que se trata de um *superstrato*, como aponta Bagno (2007). De modo conciliatório, podemos dizer que os dois conceitos se coadunam, haja vista que em ambos os casos vemos que as línguas permanecem em contato linguístico direto. Nos dois casos também notamos que a influência entre os idiomas se reduz a troca de itens lexicais. E por último, sabemos que tanto na situação de bilinguismo que se efetuou entre a Grécia e Roma e na Península Ibérica favoreceu o enriquecimento do léxico de um dos idiomas: o latim.

Em um segundo caminho, devemos ouvir a definição de Mattoso Câmara (2011) sobre um dos termos. Para esse linguista, *adstrato* difere de *superstrato*: enquanto aquele conceito se refere ao contato entre línguas que coexistem, quando um povo dominador abandona sua própria língua em favorecimento ao idioma recém-chegado, este se refere à língua em contato que permanece como influência, mas que não seja a ser abandonada. Uma prova disso é que os árabes não chegaram a abandonar seu idioma, mesmo após a Reconquista cristã expulsá-los da Península (CÂMARA JR., 2011).

É neste ponto que nos interessa os conceitos de *superstrato* e *adstrato* (e *substrato*, evidentemente), que nessas situações de contato o idioma latino já transformado em *romança* foi profundamente enriquecido, seja no vocabulário/léxico, seja na sintaxe ou qualquer outra parte de seu sistema linguístico.

Convém, nesse momento, trazermos algumas considerações acerca das conquistas romanas. A primeira certeza que temos, com base no texto anterior, é a de que a formação das línguas neolatinas na Península começou bem antes da própria constituição do Império Romano, que só ocorreu no ano 27 a. C, com Otávio (Augusto). A segunda impressão que percebemos é que o latim aí falado não podia ser um idioma das classes cultas, era, portanto, o idioma vulgar, falado pelos soldados romanos que iam, aos poucos, conquistando essas terras (BAGNO, 2007; COUTINHO, 1962).

Em consonância ao que foi dito por Bagno (2007) e Coutinho (1962), encontramos na obra *História da língua portuguesa*, de Teyssier (2007), a menção de os povos que habitaram a Península Ibérica são os denominados pré-romanos; são eles: os gregos,

os fenícios, os iberos e os celtas, sendo esses dois últimos chamados também de celtibéricos (ASSIS, 2014).

É preciso ressaltar que, exceto a língua dos gregos e fenícios, “pouco sabemos sobre os povos que habitavam a Península em época pré-romana, menos ainda conhecemos as línguas que eles falavam e que podem ter funcionado como substratos do latim hispânico” (BAGNO, 2007, p. 45).

O que sabemos, de fato, é que a mistura entre esses povos, e conseqüentemente, de seus falares antes da chegada dos romanos, permitiu a formação de idiomas singulares. Com a chegada dos romanos a Península no século III a. C. houve, evidentemente, uma ampliação significativa de novos falares. À medida que o idioma latino ia penetrando na região, os idiomas dos celtibéricos iam ou desaparecendo ou se afastando dali.

Conforme assinala Bagno, as variedades do latim que se formaram na Península refletiam igualmente as variadas regiões e falares distintos que existiam. Podemos a partir do que foi comentado pelo autor, extraímos a ideia de que, o latim vulgar longe de ser uma língua homogênea era, na verdade, uma gama de variedades constituída de diversos falares (BAGNO, 2007).

A *romanização* da Península não foi de modo algum algo pacífico. A introdução de um novo idioma só se fez após a conquista da região. Essa conquista foi possível graças ao poderio romano. O exército romano, à medida que conquistava novas terras, ia, aos poucos, inserindo ali seu falar. Além da Península, regiões como *Cartago*, *Galícia* e *Gália* resistiram por longos períodos ao julgo romano (ASSIS, 2014).

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa intenção, nesse capítulo, foi a de mostrar a utilidade desse tipo de gramática e como isso, de fato, pode propiciar uma formação mais sólida no que diz respeito ao acadêmico do curso de letras, que necessidade, dentre outras bases, o conhecimento da história da língua portuguesa.

O desconhecimento das questões históricas da língua impede, evidentemente, que um pesquisador possa fazer qualquer tipo de julgamento sobre a estrutura, léxico, sintaxe ou qualquer outra parte de um sistema linguístico.

Em nossa experiência no ensino da disciplina *Filologia Românica e Portuguesa*, no Curso de Letras da URCA, temos percebido que os resultados são geralmente satisfatórios. Os discentes passam a demonstrar mais conhecimento tanto sobre a história interna quanto externa do português.

É nosso interesse em continuarmos com abordagem histórica, agregando outras obras similares. Nesse capítulo, tivemos a oportunidade de demonstrar alguns dos principais temas discutidos pelas gramáticas históricas, com destaque para as questões históricas e linguísticas trazidas por esses instrumentos linguísticos.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Maria Cristina (Org.). **História concisa da Língua Portuguesa**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.
- BAGNO, Marcos. **Gramática histórica**: do latim ao português brasileiro. Brasília: Edição do Autor, 2007.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**: referente à língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 2011.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962. (Biblioteca Brasileira de Filologia)
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola, 2006.
- GARCIA, Janete Melasso; CASTRO, Jane Adriana Ramos Ottoni. **Dicionário gramatical de latim**: nível básico. Brasília: Editora da UNB/Ed. Plano Ltda., 2010.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 43-70.
- MONTAGNER, Aírto Ceolin. **Língua Latina I**. Rio de Janeiro: Universidade Castelo Branco (UCB), 2008.
- OLIVEIRA, Ernesto Ferreira de. As línguas românicas. **Akropolis**, Umuarama, v. 9, n. 1, p. 08-11, jan./mar., 2001.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. **Grammatica expositiva**: curso superior. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1907.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. **Grammatica histórica**. São Paulo: Nacional, 1935.
- RIBEIRO, João. **Grammatica portugueza**: 3º anno. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves & C., 1889.
- SAID ALI. **Grammatica secundaria da língua portugueza**. São Paulo: Melhoramentos, [s/d.].
- SAID ALI. **Grammatica histórica da língua portugueza**. São Paulo: Melhoramentos, 1921.
- TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins, 2007.
- VASCONCELOS, José Leite de. **Lições de Philologia Portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica Editora: 1911.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-377-4

